

**Formação inicial de professores indígenas durante o estágio em docência turma baixo
Amazonas**

**Initial training of indigenous teachers during the teaching internship in the lower Amazon
class**

Luiz Manuel Pacaio Tananta
Gerson Ribeiro Bacury
Universidade Federal do Amazonas
Manaus-Brasil

Resumo

Este artigo descreve o Estágio em Docência realizado no Curso de Licenciatura em Formação de Professores Indígenas (FPI), turma 02 e 03 - Baixo Amazonas, na disciplina de Tópicos de Biologia, como parte dos créditos do Curso de Mestrado em Educação PPGE/Faced/Ufam. O objetivo é relatar as experiências adquiridas durante a participação nessa disciplina voltada para a formação inicial de professores indígenas, sob uma abordagem qualitativa descritiva. O presente artigo baseia-se em observações participantes nas atividades colaborativas do estágio, sendo fundamentado em uma abordagem descritivo-analítica. Destaca-se, nos resultados, a oportunidade de vivenciar e contribuir para o processo de formação de futuros docentes, sob uma perspectiva intercultural e inclusiva bem como a promoção e valorização da cultura indígena na região amazônica.

Palavras-chave: Formação de professores indígenas; Estágio em Docência; Ensino de Biologia.

Abstract

This article describes the Teaching Internship carried out in the Bachelor's Degree Course in Indigenous Teacher Training (FPI), groups 02 and 03 - Lower Amazon, in the Biology Topics discipline, as part of the credits of the Master's Degree Course in Education PPGE/Faced/UFAM. The objective is to report on the experiences acquired during participation in this discipline focused on the initial training of indigenous teachers, under a descriptive qualitative approach. This article is based on participant observations in the collaborative activities of the internship, and is grounded in a descriptive-analytical approach. The results highlight the opportunity to experience and contribute to the training process of future teachers, from an intercultural and inclusive perspective, as well as the promotion and valorization of indigenous culture in the Amazon region.

Keywords: Indigenous teacher training; Teaching Internship; Biology education.

Introdução

O Estágio em Docência na pós-graduação representa uma valiosa oportunidade para a integração entre a teoria e a prática, e a vivência do ambiente acadêmico. Conforme a Portaria nº 76/2010 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), “[...] o estágio de docência é parte integrante da formação do pós-graduando, objetivando a preparação para a docência, e a qualificação do ensino de graduação” (Brasil, 2010, p. 32). Nesta mesma perspectiva, Lima e Leite (2019, p. 753), “[...] o estágio docência é uma das poucas pontes instituídas entre a teoria e a prática docente”.

A Educação Escolar Indígena, na contemporaneidade, tem se consolidado nas agendas das políticas públicas, especificamente na política de educação nacional, em que os povos indígenas buscam por uma educação de qualidade segundo os princípios da interculturalidade, organização comunitária e territorialidade, bilinguismo/multilinguismo e escola específica e diferenciada, conforme prevê a Constituição Federal de 1988 (CF/88) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), lei n.º 9.394/96.

Nesse panorama, a formação de professores indígenas é um tema importante no contexto da Educação, especialmente no que diz respeito à preservação e valorização das culturas e saberes tradicionais. Segundo Teixeira (2021, p. 97), “[...] a formação de professores indígenas deve ser pensada de maneira respeitosa e considerando a realidade de cada comunidade indígena, para favorecer um diálogo mais aberto entre diferentes culturas”. Isso possibilitará ao professor uma formação que provocará “[...] mudanças e transformações em suas atitudes docentes” (Bacury, 2017, p.17).

A formação de docentes indígenas valoriza saberes tradicionais, a relação com o ambiente e a Etnobotânica, que resgata conhecimentos ancestrais sobre plantas e sua importância cultural. Isso promove uma educação contextualizada e fortalece a identidade das comunidades, integrando Biologia e práticas tradicionais, haja vista que a Etnobotânica “[...] estuda o conhecimento e as conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal promovendo a valorização da biodiversidade e dos conhecimentos tradicionais das comunidades indígenas” (Amorozo, 1996, p. 47).

Dessa forma, no contexto do Estágio em Docência do curso de Licenciatura em Formação de Professores Indígenas (FPI) da Faculdade de Educação (Faced/Ufam), a Etnobotânica se apresentou como um elemento essencial para a compreensão da relação

entre os povos indígenas e a natureza, contribuindo para uma educação mais conectada com a realidade e os valores das comunidades. Ao integrar Biologia e Etnobotânica na formação de docentes indígenas, busca-se enriquecer saberes e fortalecer identidades, promovendo uma educação contextualizada e significativa.

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo relatar as experiências e vivências obtidas no Estágio em Docência, realizado como parte do cumprimento de créditos no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)/Faced/Ufam. Ademais, nesse processo formativo e constitutivo também destacamos as contribuições do Grupo de Estudos e Pesquisas de Práticas Investigativas em Educação Matemática (GEPIMat) /Ufam/CNPq, bem como do nosso orientador de mestrado que proporcionou reflexões e possibilidades que contribuíram para a realização deste trabalho.

Assim, o Estágio em Docência representou uma oportunidade de vivenciar e contribuir para o processo da formação inicial de futuros docentes indígenas, sob uma perspectiva intercultural e inclusiva.

Posto isto, passaremos a tratar, na seção seguinte, sobre o *estágio em docência em contexto de sociodiversidade indígena*, evidenciando como essa discussão contribui para compreender a formação inicial de professores indígenas em diálogo com a sociodiversidade e os saberes tradicionais.

O estágio em docência em contexto de sociodiversidade indígena

O estágio é um instrumento formativo importante para professores indígenas, pois proporciona não apenas o desenvolvimento das práticas dos conhecimentos teóricos adquiridos durante a formação acadêmica, mas também oportuniza a aquisição de habilidades específicas necessárias para atuar de maneira eficaz nas comunidades indígenas.

Nessa direção, as políticas educacionais voltadas para a educação indígena têm sua expressão na Constituição Federal do Brasil de 1988, no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (1998), e nas Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Indígenas, ficando assegurado, às comunidades indígenas, o direito à educação escolar, cujo objetivo é fortalecer as práticas culturais e a língua materna.

A Universidade Federal do Amazonas (UFAM) passou a oferecer o "curso de Formação de professores Indígenas (FPI)", com o objetivo de formar licenciados em três áreas do conhecimento: Ciências Humanas e Sociais, Ciências Naturais, Letras e Artes. Além do mais, o curso objetiva formar docentes indígenas “[...] em nível superior, de acordo com a

Formação inicial de professores indígenas durante o estágio em docência turma baixo Amazonas

perspectiva intercultural crítica, interdisciplinar e voltada ao fortalecimento cultural e linguístico” (PPC, 2023, p. 25).

Diante disso, o curso FPI visa garantir uma educação mais inclusiva, respeitosa e diversa, possibilitando o desenvolvimento de uma educação mais significativa e eficaz para os povos indígenas. Nesse cenário, Castro e Bacury (2019, p. 431), afirmam que “[...] o estagiário tem condições de acompanhar uma formação pautada na pesquisa, buscando e criando novas ideias na realização de suas práticas”. Nascimento (2017, p. 208), destaca que “[...] o estudante perpassa por três dimensões sendo a primeira a construção da identidade docente, a dimensão representacional, a dimensão socioprofissional”.

Essas dimensões evidenciam a importância do planejamento e da reflexão constante durante a formação do futuro professor. Dessa forma, “[...] o processo educativo deve ser sistematizado, com atividades intencionalmente orientadas à ação educativa” (Marsiglia; Saccomani, 2016, p.241). Isso demonstra a importância de uma formação bem estruturada e planejada para garantir a qualidade do ensino. Nessa conjuntura, Pimenta (2005, p. 67), salienta que “[...] os saberes teóricos propositivos se articulam com os saberes da prática, ao mesmo tempo ressignificando-se e sendo por eles ressignificados”. Assim, o autor destaca que esses saberes se articulam e se ressignificam mutuamente, evidenciando a importância de uma formação que integre teoria e prática de forma significativa.

O estágio é um componente fundamental no processo de formação de professores indígenas, uma vez que proporciona experiências práticas que complementam a base teórica, promovendo, assim, uma educação intercultural e valorizando os conhecimentos tradicionais das comunidades indígenas. De acordo com Moll (2008, p.101), “[...] os professores indígenas devem ser incentivados a buscar constantemente novos conhecimentos e desenvolver habilidades de liderança e gestão educacional”. Essas habilidades são essenciais para o exercício da docência e para a promoção de uma educação de qualidade.

Além disso, o estágio em docência na área de ciências biológicas “[...] possibilita a prática e a reflexão dos conhecimentos face às exigências sociais das ciências- competências e oportunidades essenciais para a formação do educador” (Cachapuz et al., 2011, p. 33). Nesse sentido, os objetivos da disciplina de Biologia focam “[...] aprender conceitos básicos, analisar o processo de investigação científica e analisar as implicações sociais da ciência e da tecnologia” (Krasilchik, 2004, p. 20). Assim, o estágio se mostra como uma etapa crucial na

formação de instrutores, permitindo a integração entre a teoria e a prática, a fim de prepará-los para enfrentar os desafios do ensino de ciências biológicas de forma eficiente e consciente.

Dessa forma, é fundamental que o ensino de Biologia proporcione aos estudantes não apenas a exposição aos conceitos e termos da disciplina, mas também a oportunidade de relacionar e compreender com situações reais e cotidianas. Conforme destacam Pozo e Crespo (2009, p. 55), “[...] a construção de associações e analogias, bem como a contextualização do conteúdo com as experiências pessoais e conhecimentos prévios dos estudantes, são essenciais para que o aprendizado seja significativo e duradouro”. Ao promover essa conexão entre a teoria e a prática, o ensino de Biologia contribui não apenas para a compreensão dos conteúdos, mas também para o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de reflexão dos estudantes.

Portanto, o estágio desempenha um papel na formação de professores indígenas, contribuindo para o desenvolvimento de práticas educativas mais eficazes e contextualizadas à natureza indígena, em outras palavras promovendo a interação entre teoria e prática, aliada à valorização dos saberes tradicionais e à reflexão constante, com vistas a uma educação intercultural mais inclusiva e relevante para as comunidades indígenas.

A partir dessas compreensões passaremos a tratar na seção seguinte, sobre os procedimentos metodológicos que delinearão esta pesquisa, com vistas a evidenciar as nossas compreensões sobre o estudo.

Procedimentos metodológicos

A metodologia é fundamentada em uma abordagem qualitativa de cunho descritivo. Essa abordagem permitiu refletir sobre “a realidade do ensino através de métodos que propiciam uma compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e estrutural” (Oliveira, 2016, p. 37). Dessa forma, promovemos interação direta com os estudantes, observação participante e análise contextualizada das práticas pedagógicas desenvolvidas, obtendo informações por meio de observações nas atividades colaborativas. Segundo Bacury (2017, p. 77), “o trabalho colaborativo crítico-reflexivo propicia aos envolvidos no processo o engajamento nas atividades investigativas da realidade e formativa das escolas”.

O Estágio em Docência ocorreu no Curso de Licenciatura em Formação de Professores Indígenas (FPI)/Faced/UFAM, nas turmas 02 e 03 do Baixo Amazonas, com 56 estudantes

Formação inicial de professores indígenas durante o estágio em docência turma baixo Amazonas

indígenas regularmente matriculados na disciplina Tópicos de Biologia. As atividades ocorreram entre 20 de abril e 4 de maio de 2024, abrangendo tanto o turno matutino quanto o vespertino, totalizando 90 horas, distribuídas de maneira equitativa entre as turmas. A coleta de dados ocorreu por meio da observação participante, “[...] permitindo uma imersão no ambiente de estudo e uma compreensão mais profunda dos fenômenos investigados” (Oliveira, 2007, p. 81).

Além da observação, utilizamos opiniões dos participantes através dos Percursos Formativos, conforme abordado por Bacury (2017, p. 61), que “define essa ferramenta como uma técnica para a coleta e análise de informações sobre a trajetória dos participantes”. Elaboramos assim o "Percurso Formativo da Disciplina Tópicos de Biologia", adaptando os estudos de Bacury, e criamos três temáticas para abordar a relação dos participantes com a Biologia após a conclusão da disciplina, bem como as contribuições durante o processo formativo, focando na aplicação dos conhecimentos na prática pedagógica nas escolas indígenas.

Apresentamos nossas intenções aos estudantes, ressaltando a importância de que esse processo se torne um objeto de divulgação científica, por meio da produção de artigos e capítulos de livros. Para garantir os cuidados éticos, solicitamos aos estudantes que quisessem participar a assinatura de um Termo de Consentimento e da Autorização de Uso de Imagem e Voz, esclarecendo que as produções seriam exclusivamente para fins acadêmicos, sem ganhos financeiros.

Este relatório inclui as vozes de oito estudantes indígenas que se manifestaram voluntariamente, cujos nomes foram representados por frutas conhecidas em suas aldeias: Ingá, Mapati, Tucumã, Cacau, Buriti, Cupuaçu, Pupunha e Araçá. Durante o estágio, realizamos diversas atividades, como uma oficina pedagógica na turma 02, intitulada “Etnobotânica: Plantas Medicinais Indígenas”, com o objetivo de introduzir conceitos de Etnobotânica e explorar as plantas medicinais utilizadas pelos estudantes.

Nessa perspectiva, a seguir, apresentamos os achados da pesquisa, em diálogo com os membros participantes da pesquisa.

Conhecimentos tradicionais e acadêmicos na formação de professores indígenas no ensino de Biologia

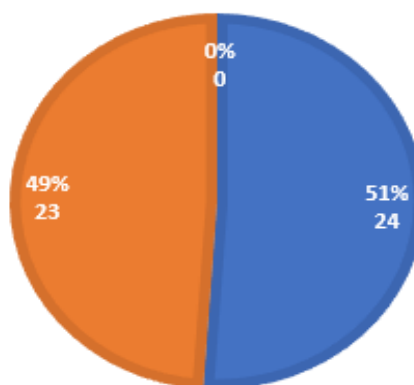
Nesta seção realizaremos uma reflexão sobre os resultados obtidos a partir das observações em sala de aula, diálogos colaborativos e atividades práticas realizadas durante o estágio em docência, evidenciando os impactos no processo de ensino-aprendizagem, sobretudo, em temas que contribuem para o surgimento de um profissional crítico-reflexivo, diferente daquele dos currículos tradicionais, ou seja, consiga trazer “[...] possíveis alternativas para as situações que emergem no dia a dia, conseguindo ultrapassar os conhecimentos científicos, com técnicas pré-estabelecidas” (Pimenta; Lima, 2005, p. 67).

Em nossas primeiras imersões na disciplina Tópicos de Biologia, observamos que os estudantes pertencem às seguintes etnias: Tukano, Apurinã, Mura, Baré, Miranha, Satere-Wawe, Kaixinawa, Wanano, Kokama e Tariano. Realizou-se também um levantamento sobre o uso da língua materna por parte dos estudantes, conforme o Gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1 - Falam a língua materna – turma 02 e 03

47 RESPOSTAS

■ Não falam ■ Falam Parcialmente ■ Falam totalmente



Fonte: Elaborado por GEPIMat/Ufam/CNPq, 2024

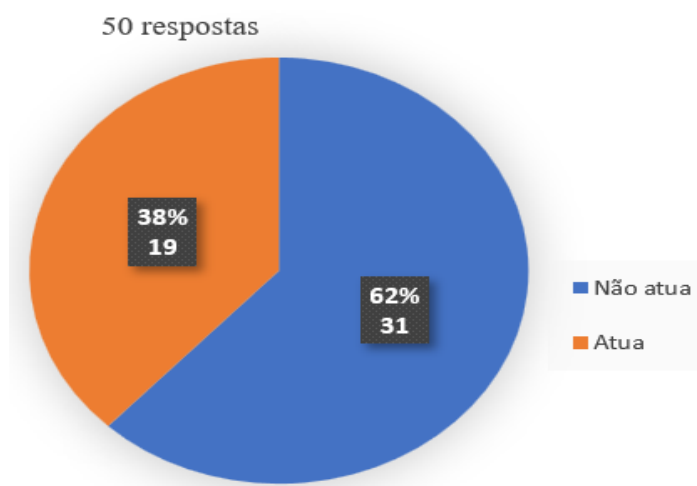
Com base nas informações estatísticas apresentadas no Gráfico 1, observa-se que 51% dos estudantes não possuem fluência na língua materna, o que corresponde a 24 dos 47 acadêmicos. Em contrapartida, 49% demonstram conhecimento parcial da língua, equivalente a 23 estudantes indígenas. No entanto, os dados indicam que nenhum dos 47 estudantes domina plenamente o idioma, evidenciando o atual cenário de fragilidade linguística dentro da comunidade acadêmica, conforme ilustrado no gráfico.

Formação inicial de professores indígenas durante o estágio em docência turma baixo Amazonas

Portanto, percebe-se que a maioria dos estudantes não fala mais a línguas maternas, o que se deve a vários fatores históricos e sociais e principalmente à aculturação imposta pela sociedade dominante aos povos indígenas. Considerando o exposto, Canclini (2003, p. 188), esclarece que os povos indígenas foram excluindo, ocultando ou silenciando nos processos históricos e conflitos sociais que “[...] os dizimaram e foram modificando sua vida”.

Diante desse problema é relevante destacar a importância de políticas educacionais que valorizem e incentivem o uso e aprendizado das línguas maternas para a promoção da diversidade cultural e inclusão social no ambiente educacional. Outro ponto que nos chamou a atenção é que ao contrário das turmas que antecederam a atual, é o número de estudantes indígenas já atuam como professores nas escolas de suas comunidades, como destacado no Gráfico 2, a seguir.

Gráfico 02 - Atuação como professor indígena turma 02 e 03



Fonte: Elaborado por GEPIMat/Ufam/CNPq, 2024

Conforme os números apresentados no Gráfico 2, verificamos que 62% dos estudantes não atuam como docentes em suas aldeias, o que corresponde a 31 dos 50 estudantes. Por outro lado, 38% já atua como professor em suas comunidades. Essa diferenciação ocorre devido à presença tanto de estudantes recém-formados no ensino médio quanto de docentes que já atuam como professores (as) em suas comunidades, o que corresponde a 19 discentes. Essa diferenciação ocorre devido à presença tanto de estudantes recém-formados no ensino médio quanto de educadores que já atuavam como docentes em

suas aldeias sem possuir formação superior, os quais puderam realizar o vestibular para o Curso de Formação de Professores Indígenas.

Esses dados reforçam sobre a necessidade de uma formação inicial de qualidade para os estudantes que não atuam como docentes, garantindo que seja centralizada e atenda às especificidades da educação escolar indígena. É essencial proporcionar-lhes uma base sólida de conhecimento que os capacite a responder adequadamente aos desafios e demandas específicas desse contexto educacional, visando sempre à promoção da qualidade e da equidade no ensino.

Resolução CNE/CP N° 01/2015, documento que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores Indígenas em cursos de Educação Superior e de Ensino Médio, no artigo 2º, assegura que a formação inicial de professores indígenas deve como parâmetro:

- I - respeito à organização sociopolítica e territorial dos povos e comunidades indígenas;
- II - valorização das línguas indígenas entendidas como expressão, comunicação e análise da experiência sociocomunitária;
- III - reconhecimento do valor e da efetividade pedagógica dos processos próprios e diferenciados de ensino e aprendizagem dos povos e comunidades indígenas; IV - promoção de diálogos interculturais entre diferentes conhecimentos, valores, saberes e experiências; (Brasil, 2015).

Como vimos acima, a formação inicial de docentes indígenas deve respeitar a organização sociopolítica e territorial dos povos, valorizar suas línguas e reconhecer seus processos de ensino. Além disso, é essencial promover diálogos interculturais e articular diferentes espaços formativos.

Isso posto, no primeiro momento do estágio em docência foram realizados junto aos estudantes indígenas o diagnóstico e a observação das aulas ministradas pelo professor regente, as quais foram predominantemente expositivas e dialogadas, em que observamos a interação e a participação dos estudantes, que se envolveram ativamente por meio de perguntas, questionamentos, leituras de textos, entre outras atividades.

Sob essa ótica, Moran (2018, p. 23), explica que “[...] a aula expositiva e dialogada é marcada pela exposição de conteúdos com a participação ativa dos estudantes”, considerando seu conhecimento prévio, com o professor atuando como mediador para incentivar questionamentos, interpretações e discussões. Quanto aos equipamentos e materiais didáticos utilizados pelo professor durante as aulas foram: projetor multimídia,

Formação inicial de professores indígenas durante o estágio em docência turma baixo Amazonas

quadro branco, livros didáticos, videoaulas, documentários, slides, computador, pincel, ilustrações entre outros.

Esses materiais auxiliaram o professor a desenvolver uma aula mais eficaz e dinâmica. Nesse sentido, consideramos que a utilização desses recursos no processo de ensino pode “[...] possibilitar a aprendizagem dos alunos de forma mais significativa, ou seja, no intuito de tornar os conteúdos apresentados pelo professor mais contextualizados propiciando aos alunos a ampliação de conhecimentos já existentes” (Nicola, 2016, p.362).

Este cenário se torna desafiador para os estudantes indígenas, que muitas vezes enfrentam dificuldades para compreender os conteúdos ensinados em sala de aula, uma vez que tais conceitos não estão presentes em sua cultura. Diante dessa questão, o professor regente buscou estabelecer conexões entre os conteúdos acadêmicos e os conhecimentos tradicionais dos estudantes. Assim sendo, torna-se crucial que as escolas incluam elementos da cultura e do cotidiano dos estudantes nos seus currículos. Conforme destacam Rosa e Orey (2006, p. 22): “essa abordagem pode gerar uma análise crítica e reflexiva das práticas pedagógicas junto aos alunos”.

Durante o processo de ensino, foram realizados momentos de explanação dos conteúdos, bem como momentos de diálogos entre professores e os estudantes indígenas em que os estudantes podiam expressar suas opiniões e conhecimentos. Assim sendo, enfatiza-se a relação de “[...] empatia e respeito entre professor e aluno para um bom ensino-aprendizagem, por outro, os educadores não podem permitir que tais sentimentos interfiram no cumprimento ético de seu dever de professor” (Belotti, 2011, p. 9).

Vale ressaltar que os estudantes não participaram de aulas de laboratório. Entendemos que a prática pertinente às bases teóricas tratadas pelo professor deve ser realizada, uma vez que os temas abordados em sala de aula, como compartimentos intracelulares e organelas celulares, demandam atividades experimentais para que os estudantes possam visualizar de maneira mais concreta o funcionamento das células. A experimentação possibilita ao estudante pensar sobre o mundo de forma científica, ampliando seu aprendizado sobre a natureza e estimulando habilidades. Assim “é possível produzir conhecimento a partir de ações e não apenas através de aulas expositivas, tornando o aluno o sujeito da aprendizagem” (Viviani; Costa, 2010, p. 50-51).

Ademais, com base em nossas observações dessas atividades também destacamos que a ausência de estrutura física adequada, como a falta de laboratório de Biologia na Faculdade de Educação, onde está sendo ministrado o curso FPI/Faced/Ufam, impacta diretamente, limitando o acesso dos discentes a experiências práticas essenciais para o aprendizado dos conteúdos.

Além das aulas teóricas ministradas com auxílio de *slides*, o professor também incentivou a leitura e discussão de artigos científicos que complementavam os conteúdos estudados em sala de aula. É fundamental que os educadores busquem estratégias para tornar a disciplina de Biologia mais acessível e relevante para os estudantes, especialmente os indígenas, integrando seus conhecimentos tradicionais ao contexto acadêmico. A inserção de atividades práticas em laboratório, a leitura de artigos científicos e a utilização de diferentes métodos de avaliação contribuem significativamente para o aprendizado e o sucesso dos estudantes.

Durante o segundo momento do estágio em docência, foi realizada a execução de uma oficina ministrada pelo estagiário, intitulada "Etnobotânica: as plantas medicinais do povo indígena". O objetivo da oficina era introduzir os conceitos iniciais da etnobotânica aos estudantes indígenas, tendo em vista que se tratava de um tema novo para eles. Além disso, a oficina visava abordar o uso de plantas medicinais e identificar quais plantas medicinais eram frequentemente utilizadas pelos participantes. Diegues (2000, p. 5) reitera que "[...] o conhecimento tradicional pode ser definido como o conjunto de saberes e práticas relacionados ao mundo natural e sobrenatural, gerados dentro de sociedades não urbanas/industriais e transmitidos oralmente de geração em geração".

Compreender o conceito de conhecimento tradicional é fundamental, pois está diretamente associado à Etnobotânica. Nesse sentido, esta "relaciona com a concepção cultural específica em relação ao universo das plantas, que pode ou não estar alinhada com a classificação oficial da botânica" (Oliveira, 2016, p. 29). Em relação às plantas medicinais, "[...] estas são espécies vegetais cultivadas ou não, utilizadas para fins terapêuticos" (Brandelli, 2022, p. 9).

Diante dessas compreensões, tentamos colocá-las em prática solicitando uma atividade conjunta em que os estudantes tivessem vez e voz, ao participar da oficina que desenvolvemos. A oficina ocorreu da seguinte maneira: inicialmente, foi realizada uma aula expositiva e dialogada teórica sobre Etnobotânica e plantas medicinais. Em seguida, os

Formação inicial de professores indígenas durante o estágio em docência turma baixo Amazonas

estudantes foram divididos em quatro grupos para realizar a atividade prática, que consistia em cada grupo escolher duas plantas medicinais e desenhá-las.

Por último, os grupos foram convidados a socializar com a turma, explicando quais foram as duas plantas medicinais escolhidas e sua função terapêutica de acordo com o conhecimento dos estudantes. Nesse contexto, Paviani e Fontana (2009, p. 78) dissertam que a “[...] oficina pedagógica é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos”.

Após a conclusão das atividades e apresentação dos quatro grupos, observamos que os estudantes indígenas possuem um amplo conhecimento tradicional acerca das plantas medicinais. Estruturamos as informações desses conhecimentos trazidos por eles, sobretudo, quanto ao uso terapêutico de algumas espécies de plantas, destacando-se que cada grupo escolheu duas delas para compartilhar com a turma.

O autor esclarece que as plantas medicinais não substituem o acompanhamento médico e em altas doses podem ser prejudiciais à saúde. Nesse sentido, é importante ressaltar que a utilização de plantas medicinais como forma de tratamento e prevenção de doenças tem se mostrado uma alternativa benéfica e eficaz para muitas pessoas. Para Fagundes, Oliveira e Souza (2017, p. 97), a utilização de plantas medicinais está intrinsecamente ligada a “[...] uma visão de mundo e de saúde de cada grupo étnico, revelando uma interação com o meio ambiente e com os conhecimentos transmitidos de geração em geração”.

Durante a atividade prática da oficina, os participantes puderam desenhar e compartilhar informações sobre as plantas escolhidas, promovendo a troca de saberes e fortalecendo os laços comunitários. A elaboração dos desenhos proporcionou aos estudantes um momento de resgate da cultura no ambiente acadêmico, pois os estudantes poderão recordar nomes, função e modo de preparo das plantas medicinais. Além disso, foi um momento de troca de saberes e conhecimentos devido à diversidade dos saberes que os estudantes possuíam.

Assim, a oficina "Etnobotânica: as plantas medicinais do povo indígena" ofereceu uma oportunidade única para refletir sobre a importância das plantas medicinais na cultura indígena e para promover o diálogo intercultural. A valorização e o respeito pelos conhecimentos tradicionais das comunidades indígenas se mostraram essenciais para a preservação da biodiversidade e da saúde desses povos. Após a realização das atividades

descritas anteriormente, realizamos com os estudantes o “Percurso Formativo da Disciplina Tópicos de Biologia”, no intuito de buscar as reflexões dos estudantes indígenas quanto ao aprendizado adquirido e as possíveis contribuições das atividades desenvolvidas para a futura a prática docente na escola indígena.

Esse percurso foi norteado por três temáticas a saber: Novas visões sobre a Biologia, após a realização da disciplina; Utilização dos conhecimentos e saberes nas práticas no ensino da Biologia nas Escolas Indígenas: algumas possibilidades; e, Contribuições da disciplina para a prática pedagógica com a Biologia, nas escolas indígenas. A seguir apresentamos a primeira temática do “Percurso Formativo da Disciplina Tópicos de Biologia”:

1. Quais são suas novas visões após a realização da disciplina?
<i>“Depois dessa disciplina pude compreender que esse estudo é fundamental para compreensão melhor da vida. E como as plantas surgiram como é importante a fauna e flora para nosso planeta.”</i> (Depoimento 01 de Ingá) <i>“Antes de cursar a disciplina, tinha um conhecimento raso sobre a Biologia, mas agora tenho outro olhar para a biologia, pois vejo que a Biologia é muita ampla é uma ciência que contribuiu muita para a humanidade. Todos os conteúdos abordados na aula têm uma grande importância na nossa vida, bem como das plantas e dos animais.”</i> (Depoimento 01 de Mapati) <i>” Após a disciplina vejo a Biologia de uma forma bem diferente e bem específica. Me ajudou a ver e estudar melhor, a Biologia em si, mais com uma visão voltada para a minha comunidade”.</i> (Depoimento 01 de Tucumã)

As respostas dos estudantes refletem uma mudança significativa em sua percepção da Biologia após a disciplina. Eles destacam a importância do estudo da vida, da fauna e a flora para o nosso planeta, além de reconhecerem a contribuição da Biologia para a humanidade. As respostas também evidenciam a ampliação do conhecimento e visão dos estudantes sobre a Biologia, além da aplicação desse conhecimento em suas comunidades indígenas. Esses depoimentos indicam que a disciplina de Tópicos de Biologia foi capaz de impactar positivamente na formação dos futuros professores indígenas, proporcionando uma visão mais abrangente da Biologia e sua relevância para suas comunidades.

De acordo com Léo Neto (2018, p. 25), “ [...] o estudo da Biologia é fundamental para compreensão melhor da vida, assim como a importância da fauna e flora para nosso planeta”. Esses aspectos aparecem nos depoimentos dos estudantes, demonstrando a internalização de conceitos-chave da disciplina. Além disso, Marandino, Selles e Ferreira (2009, p. 78),

Formação inicial de professores indígenas durante o estágio em docência turma baixo Amazonas

destacam que “[...] a Biologia contribui de forma significativa para a compreensão da vida e sua interação com o meio ambiente”.

Os estudantes, ao expressarem que a disciplina ampliou sua visão da Biologia e sua importância para suas comunidades, demonstram o impacto positivo do ensino dessa disciplina em sua formação como futuros professores indígenas, conforme destacamos na segunda temática do nosso percurso formativo, a seguir.

2. Considerações sobre a utilização dos conhecimentos e saberes nas práticas no ensino da Biologia nas Escolas Indígenas: algumas possibilidades
<i>“Mostrar nas nossas bases sobre os conhecimentos que a Biologia está presente no cotidiano seja nas folhas, nos animais, nos solos, no ar e na água, nas bactérias acompanha tudo isso.” (Depoimento 02 do Abiu)</i>
<i>“Bom eu vou usar como utilização as árvores, as plantas, as frutas, os animais que são muitos importantes para a Biologia que podemos ensinar para as escolas indígena no futuro e que cada ser desse faz parte do ciclo da vida e da existência da natureza”. (Depoimento 02 de Cacaú)</i>
<i>“As diversas possibilidades que temos para introduzir esse novo conhecimentos são várias, como por exemplo quando é tempo de seca no rio podemos mostrar na prática o que realmente acontece com o nosso rio e falar um pouco sobre a importância de preservá-lo.” (Depoimento 02 de Buriti)</i>

Conforme as narrativas dos estudantes indígenas participantes, percebe-se a relevância de integrar a Biologia ao cotidiano e à cultura tradicional das comunidades. Os depoimentos destacam a importância de observar a presença da Biologia em elementos como folhas, animais, solos, ar, água e bactérias, evidenciando a interconexão dos seres vivos e dos processos naturais.

Nesse sentido, Roble (2012, p. 66) ressalta que “[...] a natureza é um sistema complexo e interdependente, no qual cada elemento desempenha um papel fundamental”. Ao mencionar a importância das árvores, plantas, frutas e animais para a Biologia, os participantes demonstram a valorização dos conhecimentos tradicionais indígenas em relação à biodiversidade e ao equilíbrio dos ecossistemas

Além disso, as práticas sugeridas pelos participantes, como a observação da seca no rio e a discussão sobre a importância da preservação ambiental, estão alinhadas com os princípios da Educação Ambiental. Conforme ressalta Aragão (2016, p. 267), a Educação Ambiental “[...] visa promover a consciência crítica e ações responsáveis em relação ao meio ambiente, abordando questões como a sustentabilidade e a proteção dos recursos naturais”.

Dessa forma, a integração dos conhecimentos e saberes tradicionais indígenas com os conceitos da Biologia pode enriquecer o processo de ensino-aprendizagem nas Escolas Indígenas, favorecendo uma abordagem contextualizada e significativa para os estudantes indígenas. Por conseguinte, a seguir temos a terceira temática do Percorso Formativo:

3. Contribuições da disciplina para a prática pedagógica com a Biologia, nas escolas indígenas
<i>“Será de extrema importância repassar tudo o que estudei e que me chamou atenção e que tenho plena certeza que valerá a pena. A Biologia faz parte do ser humano, de toda sua história está presente na cultura e no antepassado e vem a cada dia evoluindo trazendo possível resposta e conceito que só a ciência pode explicar e claramente me ajuda na minha vida.” (Depoimento 03 de Cupuaçu)</i> <i>“Perante todo conhecimento que tenho em minha comunidade e como a Biologia é praticada vejo a ausência de muitos conhecimentos do mundo e da ciência que podemos mudar e fazer acontecer daqui para frente na comunidade e na escola.” (Depoimento 03 de Pupunha)</i> <i>“A disciplina veio para ampliar meu conhecimento sobre a Biologia, futuramente na minha prática pedagógica irei trabalhar sobre as células com matérias que existem na minha aldeia, com matérias pedagógicas que os alunos possam elaborar”. (Depoimento 03 de Araçá)</i>

A partir dos depoimentos disposto acima, nota-se a importância do conhecimento científico e da integração dos saberes tradicionais com os conceitos biológicos. Os relatos apontam para a valorização da Biologia como parte da cultura e história do ser humano, destacando a evolução constante da ciência e sua relevância para compreender e explicar o mundo ao nosso redor.

Em eco aos depoimentos dos participantes, as palavras de Fazenda (2012), ressaltam a necessidade de uma abordagem transdisciplinar que integre diferentes formas de conhecimento, incluindo os saberes ancestrais das comunidades indígenas. Nesse viés, observa-se a necessidade de integração de diferentes formas de conhecimento, incluindo os saberes ancestrais das comunidades indígenas. Paviani (2008, p. 22), por ser turno ressalta que “[...] um olhar interdisciplinar sobre a realidade permite que entendamos melhor a relação entre seu todo e as partes que a constituem”.

Além disso, a menção à ausência de conhecimentos científicos na comunidade e na escola evidencia a importância de promover a alfabetização científica entre os estudantes indígenas. Conforme apontado por Sasseron e Carvalho (2011, p. 62), a alfabetização científica “[...] busca não apenas transmitir conceitos, mas também estimular a reflexão crítica e a

Formação inicial de professores indígenas durante o estágio em docência turma baixo Amazonas

capacidade de investigação, permitindo que os estudantes construam seu próprio conhecimento a partir de suas experiências e tradições”.

Por fim, a intenção de trabalhar sobre as células utilizando materiais e conteúdos presentes na aldeia demonstra uma abordagem pedagógica contextualizada e significativa. Autores como Ricardo (2005, p. 76) destacam a importância de promover uma “[...] educação Biológica que esteja conectada com a realidade dos alunos, incentivando a observação e a investigação em seu próprio ambiente”. Dessa forma, a formação dos professores indígenas em Biologia pode contribuir não apenas para o desenvolvimento de suas práticas pedagógicas, mas também para o fortalecimento da identidade cultural e a promoção da sustentabilidade nas comunidades.

Considerações finais

Este texto objetivou descrever as práticas vivenciadas durante o Estágio em Docência na disciplina de Tópicos de Biologia, inserido no contexto da formação de docentes indígenas do curso de Formação de Professores Indígenas – FPI/Faced/Ufam.

Inicialmente, foi realizado um diagnóstico do perfil da turma 02, identificando que a maioria dos estudantes não possui fluência na língua indígena e encontra-se em um processo de revitalização cultural. Além disso, verificou-se que alguns acadêmicos já exercem funções docentes em suas aldeias, enquanto a maior parte dos discentes não possui vínculo com atividades remuneradas. No que tange à dinâmica da relação professor-estudante, constatou-se um ambiente de interação marcado pela troca de saberes e diálogos, favorecendo uma participação ativa dos alunos. Destaca-se a realização bem-sucedida da oficina "Etnobotânica: plantas medicinais dos povos indígenas", que promoveu a compreensão do tema pelos estudantes por meio de aulas teóricas, diálogo e atividades práticas. Esse momento foi crucial para incorporar saberes e conhecimentos tradicionais no ambiente acadêmico, onde o conhecimento científico muitas vezes prevalece sobre os conhecimentos tradicionais.

Outro destaque foi o desenvolvimento do Percorso Formativo, que permitiu avaliar a contribuição da disciplina Tópicos de Biologia para a formação e desenvolvimento dos estudantes. As narrativas obtidas apontaram para uma contribuição significativa da disciplina, enriquecendo o repertório acadêmico dos futuros professores indígenas e preparando-os para compartilhar esse conhecimento em suas comunidades.

No entanto, é importante ressaltar a necessidade de superar desafios identificados no estágio, como a falta de infraestrutura, a ausência de laboratórios e uma carga horária considerada insuficiente pelos estudantes. Essas questões devem ser consideradas pelo colegiado do curso FPI/Faced/Ufam, a fim de promover ajustes que possibilitem uma formação mais abrangente e condizente com as demandas dos futuros educadores indígenas.

Isto posto, compreendemos que o Estágio em Docência na disciplina Tópicos de Biologia representou uma experiência enriquecedora tanto para os estudantes quanto para nós evidenciando a importância de integrar saberes tradicionais e acadêmicos na formação dos professores indígenas, visando a promoção e valorização da cultura indígena em seus contextos de atuação, o contexto Amazônico.

Referências

AMOROZO, Maria Christina Mello. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, Luiz Carlos (org.). **Plantas medicinais: arte e ciência**, um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 47-68.

ARAGÃO, José Paulo Gomes. As políticas de Educação Ambiental e suas repercussões sobre o planejamento da educação básica no ensino público brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (Revbea)**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 263-278, 2016.

BACURY, Gerson Ribeiro. **Práticas investigativas na formação de futuros professores de matemática**. 2017. 188 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemáticas) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

BELOTTI, Silvia Helena Alves. Relação professor/aluno. **Revista eletrônica Saberes da Educação**", v. 1, n. 1, p. 9-20, 2011.

BRANDELLI, Cláudia Lúcia Corrêa. **Plantas medicinais: histórico e conceitos**. 2022. Disponível em: <https://staticssubmarino.b2w.io/sherlock/books/firstChapter/28283344.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <https://bit.ly/2L7l4Go>. Acesso em: 7 dez. 2020.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Portaria n.º 76 de 14 de abril de 2010. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 abr. 2010. Seção 1, p. 31-32.

BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado Federal. Disponível em: <https://bit.ly/3mRKnKj>. Acesso em: 7 dez. 2020.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Formação inicial de professores indígenas durante o estágio em docência turma baixo Amazonas

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2003. P. 188.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **Conhecimento e manejo tradicionais**: ciência e biodiversidade. São Paulo: NUPAUB/USP, 2020. p. 5-25. Disponível em: <https://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/cienciabio.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2025.

FAGUNDES, Nádia Cristina Alves; OLIVEIRA, Gustavo Lopes; SOUZA, Bruno Gonçalves. Etnobotânica de plantas medicinais utilizadas no distrito de Vista Alegre, Claro dos Poções – Minas Gerais. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-118, 2017.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. 18. ed. Campinas: Papirus, 2012. 33 p.

KRASILCHIK, Myriam. **Prática de ensino de Biologia**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. 20 p.

LÉO NETO, Nivaldo Aureliano. A contextualização dos saberes para a descolonização de um ensino de Biologia que reconheça as identidades e diferenças. **Revista Entre Ideias**, Salvador, v. 7, p. 23-42, 2018.

LIMA, José Geraldo; LEITE, Luciana Oliveira. O estágio de docência como instrumento formativo do pós graduando: um relato de experiência. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 100, n. 256, p. 753-767, 2019.

MARANDINO, Martha; SELLES, Sandra Escovedo; FERREIRA, Márcia Serra. **Ensino de Biologia**: histórias e práticas em diferentes espaços educativos. São Paulo: Cortez, 2009. 78 p.

MOLL, Jaqueline. Educação intercultural e formação de professores indígenas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 135, p. 97-121, 2008.

MORAN, José Manuel. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Porto Alegre: Penso, 2018. 23 p.

NICOLA, Jéssica Anese; PANIZ, Catiane Mazocco. A importância da utilização de diferentes recursos didáticos no ensino de Biologia. **Rev. NEaD Unesp**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 355-381, 2016.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2016. 37 p.

PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade**: conceitos e distinções. 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2008. 22 p.

PAVIANI, Neusa Maria Schmitz; FONTANA, Neusa Maria. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura**, v. 14, n. 2, p. 221-236, 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/16/15>. Acesso em: 23 jun. 2024.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio docência**. Coleção em formação (Série saberes pedagógicos). 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005. 67 p.

PPC. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Formação de Professores Indígenas**. Manaus: UFAM, 2023.

POZO, Juan Ignacio; CRESPO, Miguel Ángel Gómez. **Aprendizagem e o ensino de ciências: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 55 p.

RICARDO, Élio Carlos. **Competências, interdisciplinaridade e contextualização: dos Parâmetros Curriculares Nacionais a uma compreensão para o ensino das ciências**. 2005. 188 f. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

ROBLE, Osvaldo. **Conhecimento da natureza, do homem e da sociedade**. 1. ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2012. 66 p.

ROSA, Milton; OREY, Daniel Clark. Abordagens atuais do programa etnomatemática: delineando um caminho para a ação pedagógica. **Bolema**, Rio Claro, v. 19, n. 26, p. 19-48, 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/1851/1612>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SASSERON, Lúcia Helena; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. Alfabetização científica: uma revisão bibliográfica. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 16, n. 1, p. 59-77, 2011.

TEIXEIRA, Ana Cristina Bringuente. A educação escolar indígena como prática intercultural: algumas reflexões. **Revista Diálogos Possíveis**, v. 10, p. 293-310, 2021.

VIVIANI, Daniela; COSTA, Arlindo. **Práticas de ensino de Ciências Biológicas**. Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2010.

Sobre os autores

Luiz Manuel Pacaio Tananta

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa de Práticas Investigativas em Educação Matemática (GEPIMat)/UFAM/CNPq.

E-mail: manueltananta93@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8977-712X>

*Formação inicial de professores indígenas durante o estágio em docência turma baixo
Amazonas*

Gerson Ribeiro Bacury

Doutorado em Educação e Ciências e Matemática pelo Instituto de Educação Matemática e Científica (Iemci) UFPA. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)/Faced/UFAM. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa de Práticas Investigativas em Educação Matemática (GEPIMat) UFAM/CNPQ.

E-mail: gersonbacury@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1160-3187>

Recebido em: 21/03/2025

Aceito para publicação em: 01/09/2025